



**Sistematizações de experiências agroecológicas no caminho da organização do grupo de mulheres assentadas Roseli Nunes, em Ibiaçá, RS**  
*Systematisation of agroecological experiences on the way of the organization of the group of settled women Roseli Nunes, in Ibiaçá, RS*

TORRES, Ewerton José de Medeiros<sup>1,2</sup>, TEIXEIRA, Cecília Tayse Muniz<sup>1,3</sup>, SILVA, Thacya Clédina da<sup>1,4</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural;

<sup>2</sup>ewerton@agronomo.eng.br; <sup>3</sup>taysemuniz@hotmail.com; <sup>4</sup>thacya.zte@bol.com.br

**Eixo temático: Mulheres, Feminismos e Agroecologia**

**Resumo:** Objetivou-se neste trabalho registrar as percepções de avanço organizacional em virtude da realização da sistematização de experiências focada nas integrantes do grupo de mulheres Roseli Nunes do Projeto de Assentamento Seguidores de Natalino, localizado no município de Ibiaçá, RS. Para tal, realizou-se revisão bibliográfica, visita a campo, roda de diálogos com o grupo de mulheres, e observação das expressões e impressões das falas das mulheres, possibilitando identificar historicamente como foram construindo as propostas de organização e ação coletiva que alavancaram a intervenções de demandadas no assentamento onde suas famílias se estabeleceram. A estratégia metodológica de utilizar a sistematização como ferramenta de trabalho serviu para o grupo reforçar suas relações sociais e fortalecer o capital social. Percebe-se que a questão do método utilizado com uso da sistematização é precisamente importante, por proporcionar uma maior reflexão crítica da vivência e prática da organização das mulheres.

**Palavras-chave:** organização de mulheres, assentamento rural; enfoque de gênero; empoderamento, feminismo.

**Keywords:** women's organization; rural settlement; gender focus; empowerment, feminism.

## Introdução

A poesia e a arte continuam a desvendar lógicas profundas e insuspeitas do inconsciente coletivo da vida e do destino humano. Dentro desse sentido, o caráter crítico e investigativo da ciência apresenta-se como uma forma de expressão dessa busca não exclusiva, não conclusiva, não definitiva. De forma genérica, não é apenas o(a) técnico(a)/investigador(a)/extensionista(a) que tem capacidade de sentidos para o trabalho intelectual ou analítico. Todos os sujeitos, assim como grupos e sociedade específicas dão significados a suas ações e suas construções. Todos são capazes de explicitar as intuições de seus atos e, assim, projetam e planejam seu futuro, dentro de um nível de racionalidade sempre presente nas ações humanas, como a exemplo do grupo de mulheres Roseli Nunes.

A percepção de que os processos de diálogos podem contribuir para a construção de relações sociais mais harmônicas traz implícita a compreensão de que é também no caminho participativo mais reflexivo e, portanto, mais ativo diante da realidade que se consolidam. Segundo Freire (1983), o trabalho técnico realizado nas ciências



agrárias não existe sem os sujeitos e estes não existem fora da história, fora da realidade que deve transformar.

Por ser uma ciência de cunho pluriépistemológica, no enfoque agroecológico se desfruta de técnicas participativas em que as metodologias utilizadas priorizam uma perspectiva dialética (SEVILLA-GUZMÁN, 2002). Portanto, a agroecologia, entendida como um “enfoque científico, teórico, prático e metodológico, com base em diversas áreas do conhecimento, que se propõe a estudar processos de desenvolvimento sob uma perspectiva ecológica e sociocultural” (ABA, 2004), compromete-se com uma nova reflexão, e tem na sistematização de experiências uma ferramenta que vem a contribuir na possibilidade de integrar múltiplos conhecimentos, produzir novas maneiras de desenvolvimento das experiências, colaborar nas estratégias de ação organizacional e estender essas informações geradas a fim de que outras experiências semelhantes também possam assimilá-las.

Deste modo, a sistematização de experiências agroecológicas toma também a configuração de uma ferramenta de qualificação das ações de extensão rural, o que inclui o processo de entendimento do sentido e da lógica desta metodologia, para proporcionar com sua aplicação o aprendizado a partir da compreensão do porquê de tal experiência estar se desenvolvendo ou o motivo para o qual foi desenvolvido de determinada maneira, interpretando criticamente o que fora realizado e alcançado e não simplesmente relatando uma situação que se julga interessante (MIRANDA e ZARNOTT, 2013; MIRANDA e ZARNOTT, 2015).

Segundo Maronhas, Schottz e Cardoso (2014), as sistematizações de experiências no campo agroecológico, destacam em sua maioria o papel da família, sem problematizar as relações de poder e os papéis desenvolvidos pelos diversos membros, isto significa uma tendência para tornar ainda mais invisível o trabalho das mulheres, uma vez que temas como a divisão sexual do trabalho, o planejamento produtivo, a autonomia política e econômica das mulheres acabam por não serem abordadas.

Nesse contexto, a sistematização de experiências protagonizadas por mulheres se configuraram em estratégias voltadas para a visibilização e valorização do trabalho desenvolvido pelas mulheres na agroecologia e aprimoramento da sua capacidade em refletir sobre suas próprias experiências. Assim, visando estimular as equipes técnicas de Assessoria Técnica, Social e Ambiental (ATES) do Rio Grande do Sul a promoverem a agroecologia com adoção de metodologias participativas nos seus trabalhos cotidianos, se estabeleceu como meta obrigatória desde 2013 a sistematização de experiências agroecológicas, a qual visa auxiliar, suplementar e/ou embasar o trabalho dos(as) extensionistas rurais, constituindo um espaço de aprendizagem mútua para técnicos(as) e famílias, e apresentando as experiências como modelos de referências (MIRANDA e ZARNOTT, 2013). Diante disto, o objetivo neste trabalho foi registrar as percepções de avanço organizacional em virtude da realização da sistematização de experiências deste grupo de mulheres.



## **Metodologia**

Este estudo foi desenvolvido juntamente ao grupo de mulheres assentadas Roseli Nunes do Projeto de Assentamento(PA) Seguidores de Natalino, que está localizado no município de Ibiaçá, o qual se encontra na mesorregião Noroeste do Rio Grande do Sul, ou conforme Silva Neto e Oliveira (2008), na denominada Região de Colônias Novas, uma das três do estado onde a agricultura familiar concentra-se.

Conforme o censo populacional do IBGE de 2010, o município possui uma população de 4.710 habitantes, com a maior parcela das pessoas (2.849 habitantes ou 60%) vivendo na área urbana, e com 1.861 no meio rural (40%) (IBGE, 2016). O PA se localiza a leste e a cerca de 30 km da sede do município. O assentamento foi criado no ano de 2007, a partir da desocupação da Fazenda Três Pinheiros, com a confluência de pessoas provenientes de diversos acampamentos do estado do Rio Grande do Sul. Foram assentados 39 homens e 29 mulheres. Destes, 22 são crianças, sete jovens e quatro idosos, constituindo 23 famílias (SIGRA, 2014).

O modelo teórico-metodológico que se adotou neste trabalho foi da abordagem qualitativa. O trabalho foi orientado por uma pesquisa exploratória de campo, recorrendo-se também à pesquisa bibliográfica. Foi realizada uma roda de diálogos com as mulheres, e em seguida, entrevistas semiestruturadas. Do total das 14 mulheres que participam do grupo Roseli Nunes, sete delas foram entrevistadas. As entrevistas seguiram por uma perspectiva aberta, possibilitando às entrevistadas se expressarem à vontade para relatarem sobre suas experiências e as percepções do protagonismo coletivo do grupo.

## **Resultados e Discussão**

As conquistas e dificuldades organizacionais do grupo Roseli Nunes, são destacadas nas falas de suas integrantes. Começando pelos impasses, quando ainda na sua formação do grupo, os homens assentados apresentavam descrença, principalmente dos esposos, que não acreditavam na possibilidade do grupo se desenvolver, bem como, alguns chegavam a proibir suas esposas de poder ir participar das reuniões. Nesse sentido, a persistência em manter a formação do grupo conseguiu atrair mais assentadas, principalmente para organização de eventos a exemplos de aniversários. Em Janeiro de 2016 foi realizado um encontro de avaliação, no qual se conseguiu reunir quase todas as famílias do PA, que delegaram ao grupo a indicação de algumas pessoas para compor a coordenação da diretoria do assentamento. Assim, o grupo decidiu que esta coordenação deveria ser assumida também pelas mulheres, elegendo dois casais além de dois jovens. Portanto, podemos observar que o grupo vem conquistando responsabilidades importantes no horizonte de decisões do assentamento, uma vez que esses espaços de poder tendem a ser ocupados majoritariamente por homens.



De acordo com o relatório da sistematização realizada em 2015, dentre outros resultados, a experiência conferiu maior capacidade de mobilização do grupo, bem como conquistas em um processo de organização coletiva, estreitamento de laços e vínculos entre as famílias, os quais podem ser evidenciados na fala de uma assentada: “É outra coisa nós chegar lá na sede, fazer a reunião; agora é outra coisa, a gente se sente bem e até as pessoas de fora também se sentem; a gente vê que quando se organiza consegue.” (REIS et al., 2015).

No ano de 2016 começaram o que elas chamam de associação informal, que assemelha a um fundo coletivo, o qual todo mês se paga uma mensalidade para o grupo, sendo que só quem quer ser sócia do grupo é que paga. A coordenação acreditava que poucas iriam contribuir, mas o que ocorreu foi o inverso. Todas começaram a contribuir porque queriam participar mais do grupo, faziam questão. O recurso está sendo apurado para custear ações em benefício do coletivo, como a compra de algum material, ou mesmo viagens para algum local. A coordenadora do grupo disse que a partir do momento que o caixa estiver maior, seria possível se pensar em comprar presentes para as aniversariantes de cada mês e presentes para o dia das mães.

Esse protagonismo e a autonomia revelados nelas se manifestam até nas pequenas conquistas, como no caso da água, que foi conseguida sem contribuição da equipe de extensionistas que as acompanham. Uma das técnicas disse que “antes precisavam de um empurrãozinho, agora estão caminhando com as próprias pernas”. Como relatado em Reis et al. (2015), e reafirmado nas entrevistas, as mulheres analisaram o processo de reorganização destacando que seria necessário um estímulo externo por parte da equipe técnica, mas hoje, quando se reconhecem mais empoderadas do que antes, percebem que não é tão necessária a ajuda externa, porque conseguem elas mesmas se organizar.

Ainda assim, mesmo com pequenos e grandes avanços e conquistas das mulheres nos contextos rurais locais, persistem muitos obstáculos a serem ultrapassados em toda parte do mundo (SUÁREZ, 2008; MACIAZEKI-GOMES, NOGUEIRA e TONELI, 2016), especialmente nas opressões causadas pelo machismo e misoginia.

De acordo com as falas das assentadas, se percebe que elas vêm se valendo de muitas conquistas tanto nos seus núcleos familiares como na gestão, e na parte organizacional do assentamento de maneira geral, embora ainda enfrentem muitas dificuldades.

## **Conclusões**

Um dos critérios para se realizar uma sistematização agroecológica é a opção por exemplos bem sucedidos ou em potencial de sucesso, e ao passo que se dá o processo investigativo e questionador da metodologia, percebe-se que até experiências muito boas possuem suas falhas, já erraram, aprenderam e continuam a aprender. A escolha do grupo Roseli Nunes para ser objeto da sistematização no



ano de 2015 certamente levou em consideração este critério. Percebe-se que a partir da manutenção do contato rotineiro entre as mulheres envolvidas, proporcionou que elas se conhecessem mais, observaram onde poderiam avançar e quais foram os fatores limitantes a superar. Como resultado decorrente nota-se um maior amadurecimento e consolidação do grupo.

O que se percebeu com a experiência do grupo de mulheres Roseli Nunes foi que, a necessidade de estarem dispostas, de quererem, de se interessarem e aceitarem esta proposta metodológica da sistematização, a qual ocasiona numa práxis científica de autoconhecimento, era o primeiro pré-requisito, o primeiro passo para dar continuidade. Após avançar nesta parte, a metodologia acionou uma rotina de encontros para avaliação, reflexão e tomada de decisões ao longo do processo. Esse regime proporcionou um maior envolvimento entre as mulheres, que resultou num reconhecimento enquanto sujeitos e enquanto coletivo, que as tornou capazes de superarem os impasses que as impediam de trabalharem juntas. Essa conquista refletiu na capacidade de se colocarem à frente nas deliberações do próprio assentamento.

### Referências bibliográficas

ABA - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE AGROECOLOGIA. 2004. **Estatuto da Associação Brasileira de Agroecologia - ABA**. Disponível em: <<http://aba-agroecologia.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2013/06/Estatuto-ABA.pdf>>. Acesso em: 07 de maio de 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Rio Grande Do Sul, Ibiacá**. 2016. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=430980&search=rio-grande-do-sul|ibiaca>>. Acesso em: 10 de maio de 2016.

MACIAZEKI-GOMES, R. C.; NOGUEIRA, C.; TONELI, M. J. F. Mulheres em contextos rurais: um mapeamento sobre gênero e ruralidade. **Revista Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 28, n.1, p. 115-124, 2016.

MARONHAS, M. SCHOTTZ, V. CARDOSO, E. 2014. **Agroecologia, Trabalho e Mulheres: Um olhar a partir da Economia Feminista**. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/1956/896>>. Acesso em: 08 de abril de 2017.

MIRANDA, F. Q.; ZARNOTT, A. V. A sistematização de experiências agroecológicas como ferramenta de qualificação das ações de extensão rural em assentamentos no Rio Grande do Sul. **Cadernos de Agroecologia**, Recife, v. 8, n. 2, 2013.



MIRANDA, F. Q.; ZARNOTT, A. V. Capacitando equipes técnicas para sistematizar experiências agroecológicas em assentamentos de reforma agrária do RS.

**Cadernos de Agroecologia**, Recife, v. 10, n. 3, 2015.

REIS, E O.; MARTINS, E. C.; CARVALHO, J. S.; GUSSOM, M. F.; SANTOS, N. G.; MIRANDA, F. Q. **A Organização Comunitária das Famílias do PA Seguidores de Natalino / Ibiacá**. In: Sistematização de Experiência Agroecológica: Núcleo Operacional Vacaria. CETAP: Sananduva, 2015 (documento interno).

SEVILLA-GUZMÁN, E. A perspectiva sociológica em agroecologia: uma sistematização de seus métodos e técnicas. **Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 18-28, 2002.  
**SIGRA, Sistema Integrado de Gestão Rural da ATES**. 2014.

SILVA NETO, B; OLIVEIRA, A. Agricultura familiar, desenvolvimento rural e formação dos municípios do Estado do Rio Grande do Sul. **Revista Estudos Sociológicos, Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 83-108, 2008.

SUÁREZ, N. C. R. Procesos y dinámica rurales: una lectura desde el enfoque de género. **Revista Luna Azul**, v. 1, n. 27, p. 94-103, 2008.

COMISSÃO DE FERTILIDADE DO SOLO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. **Recomendações para o uso de corretivos e fertilizantes em Minas Gerais – 5ª Aproximação**. Viçosa, MG, 1999. 359 p.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Coleção Educação e mudança. v.1, 9 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.